

BEIJOS

MONOLOGO

«Beijar !» linda palavra !... Um verbo regular
Que é muito irregular
Nos tempos e nos modos...

Conheço tanto beijo e tão dif'rentes todos !...

Um beijo pode ser amor ou amizade
Ou mera cortezia,
E muita vez até, dize-lo é crueldade
E' só hipocrisia.

O doce beijo de mãe
E' o mais nobre dos beijos,
Não é beijo de desejos,
Valor maior êle tem :
E' beijo cuja fragrancia
Nos faz secar na infancia
Muita lagrima... feliz ;
Na vida esse beijo puro
E' o refugio seguro
Onde é f'eliz o infeliz.

Entre as damas o beijo é praxe estab'lecida,
Cumprimento banal — ridiculos da vida ! — :

(imitando o encontro de 2 senhoras na rua)

— Como passou, está bem ? (Um beijo) O seu
marido ?
(Mais beijos) — De saude. E o seu Dona Mafalda ?
— Agora menos mal. Faz um calor que escalda,
Não acha ? — Ai Jesus ! que tempo aborrecido !..

Beijos dados assim, já um poeta o disse,
 Beijos perdidos são.
 (Perder beijos ! que tolice !
 Porque é que a mim os não dão ?)

O *osculum pacis* dos cardeaes
 E' outro beijo de civ'lidade ;
 Beijos paternos ou fraternaes
 São castos beijos, só amisade.

As flôres tambem se beijam
 Em beijos incandescidos,
 Muito embora se não vejam
 Os ternos beijos das flôres.

Ha outros beijos perdidos :
 Aqui mesmo,
 Ha aquêles que os actores
 Dão a esmo,
 Dão a esmo e a granel . . .
 Porque lhes marca o papel.

— Mas o beijo d'amor ?
 Socegue o espectador,
 Não fica no tinteiro ;
 Guardei-o para o fim por ser o «verdadeiro».

Com êle agora arremeto
 E como é o principal,
 Vae apanhar um soneto
Magistral:

Um beijo d'amor é delicioso instante
 Que vale muito mais do que um milhão de vidas,
 E' balsamo que sára as mais crueis feridas,
 E' turbilhão de fogo, é espasmo delirante !

Não é um beijo puro. E' beijo estonteante,
 Pecado que abre o céu ás almas doloridas.
 Ah ! Como é bom pecar co'as bôcas confundidas
 Num desejo brutal da carne palpitante !

Os labios sensuaes duma mulher amada
 Dão vida e dão calor. E' vida desgraçada
 A do *feliz* que nunca um beijo nêles deu ;

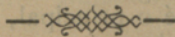
E' vida venturosa a vida de tortura
 Daquêle que co'a bôca unida á bôca impura
 Da sua amante qu'rida, amou, penou, morreu.

(*Pausa. Mudando de tom*)

Desejava terminar
 A beijar a minha amada,
 Mas como não tenho amada,
 (*a uma espectadora*)
 Vossencia é que vae pagar...
 Não se zangue. A sua face
 Consinta que eu vá beijar...
 (*atira-lhe um beijo*)
 Um beijo pede-se e dá-se,
 Não vale a pênna corar...

Fevereiro de 1910.

MARIO DE SÁ CARNEIRO.



Os verdadeiros covardes não são os que empalidecem
 deante d'um cano d'um revólver, são os que procuram de-
 ante de si a evidencia de uma verdade.

Eu perdôo aos que teem medo de morrer e não perdoa-
 rei nunca aos que não teem receio de mentir.

GIOMAR TORREZÃO.